



Informativos Eletrônicos
do Setor Elétrico

ISSN 1678-6130



GESEL

Grupo de Estudos do Setor Elétrico

UFRJ

Desafios do G20 no financiamento climático¹

Luciana Antonini Ribeiro²

Vaishali Nigam Sinha³

À medida que o mundo se prepara para a COP29 em Baku, em novembro deste ano, as atenções se voltam para o papel que o G20 pode desempenhar no combate às mudanças climáticas e no desenvolvimento global. Sob a liderança do Brasil, o G20 ocupa uma posição única, unindo regiões do mundo e preparando o terreno para um novo e importante acordo para financiamento e desenvolvimento climático. Com ondas de calor recordes, inundações e secas afetando comunidades em todo o mundo, especialmente no Sul Global, a ação climática deixou de ser uma escolha: tornou-se uma necessidade. No entanto, o sistema financeiro internacional atual ainda está lutando para mobilizar os recursos necessários para enfrentar esse desafio.

O G20 precisa demonstrar liderança para impulsionar uma ação climática coordenada globalmente, com foco especial em financiamento climático, infraestrutura resiliente e tecnologia para acelerar a transição energética.

Desde 2000, as mudanças climáticas custaram ao mundo US\$ 16 milhões por hora. Sem o peso dessa crise, a economia global poderia ter crescido mais US\$ 2,8 trilhões. O prejuízo contínuo da inação é ainda maior. De 2025 a 2100, as perdas cumulativas por não agir em relação ao clima podem atingir impressionantes US\$ 1,266 quatrilhão - onze vezes o PIB global atual. A escala do desafio exige ação urgente, e o papel do G20 é essencial.

Com três em cada cinco pessoas no mundo, 80% do PIB global e três quartos do comércio internacional, a ação coletiva dos países do G20 terá um papel decisivo na configuração do futuro da economia do planeta.

Os mercados emergentes enfrentam desafios significativos no acesso ao capital necessário para financiar suas transições verdes. Estimativas indicam que atualmente existem até US\$ 2,5 trilhões em fundos relacionados a investimentos verdes, mas apenas uma pequena parte desse valor é direcionada para mercados emergentes e economias em desenvolvimento (EMDEs). A percepção de alto risco no segmento muitas vezes desencoraja os investidores a comprometerem recursos significativos. Projetos relacionados ao clima frequentemente apresentam retornos incertos e são vistos com cautela, mas essas percepções são geralmente ampliadas em mercados emergentes. Outros obstáculos, como a fragmentação regulatória entre diferentes jurisdições acrescentam uma camada de complexidade, desacelerando os fluxos de investimento e dificultando a ampliação de soluções climáticas essenciais.

Houve avanços positivos, uma vez que a OCDE recentemente reportou que os países

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/desafios-do-g20-no-financiamento-climatico.ghtml> Acessado em 24.10.2024

² Cofundadora da eB Capital e líder da força-tarefa B20 sobre Finanças e Infraestrutura.

³ Cofundadora da ReNew e copresidente da força-tarefa B20 sobre Finanças e Infraestrutura.

desenvolvidos mobilizaram um total de US\$ 115,9 bilhões em financiamento climático destinado aos países em desenvolvimento. No entanto, a lacuna permanece ampla. Mercados emergentes e economias em desenvolvimento precisam de um adicional de US\$ 2 trilhões anuais para esforços de mitigação - um aumento de quatro vezes - até 2030 (FMI, 2023). Nessas regiões, os governos ainda são responsáveis por mais da metade dos investimentos em energia, em comparação com apenas 15% nas economias avançadas (Banco Mundial, 2023).

Investimento climático não pode mais ser encarado como uma obrigação, um fardo ou mesmo um risco ao desenvolvimento. Pelo contrário, é preciso enxergar que essa agenda traz oportunidades sem precedentes para o crescimento econômico. Nesse contexto, é fundamental a união de todas as partes interessadas e, aqui, destacamos a mobilização da iniciativa privada.

Nos países em desenvolvimento, as oportunidades são transformacionais, tanto do ponto de vista ambiental quanto para suas economias locais. As economias emergentes podem ter papel de destaque na transição, e o capital privado é fundamental para suportar esse esforço.

Economias emergentes e em desenvolvimento precisam de um adicional de US\$ 2 trilhões anuais para esforços de mitigação. Nessas regiões, os governos ainda são responsáveis por mais de 50% dos investimentos em energia, contra apenas 15% nas economias avançadas

Entretanto, não dá para negar que existem elementos macroeconômicos que travam a jornada e embaçam a visão de oportunidade de impulsionamento para o setor privado. É aqui que entra o papel do G20 e B20 (Business 20) em entender as dificuldades e endereçá-las.

No ambiente da Força-tarefa de Finanças e Infraestrutura do B20, destacamos três recomendações prioritárias. A primeira é a revisão do papel do setor público e a abordagem de questões como financiamento de projetos para reduzir os riscos-país, político e econômico. Enfatizamos a necessidade de organizações multilaterais trazerem instrumentos que reduzam o risco-país e incentivem o capital privado a fazer negócios no sul global, principalmente.

O segundo ponto é a criação de um framework que acelere a aprovação de projetos de infraestrutura, reduzindo inseguranças sobre prazos e requerimentos necessários para aprovações. Uma grande dor atual é a completa incerteza do investidor privado sobre a timeline dos investimentos.

E, por fim, o apoio ao pequeno e médio empreendedor que, em países em desenvolvimento, geram até 80% dos empregos e movimentam a economia. É fundamental dar suporte em relação às adequações de regras e acesso ao crédito, permitindo que eles se incluam nas grandes cadeias globais de suprimento verde.

Os países desenvolvidos têm reconhecido que a ação climática apresenta enormes oportunidades. No entanto, há uma grande competição sobre quem irá liderar essa revolução verde, que está mudando fundamentalmente o modo como as economias operam e remodelando as dinâmicas geopolíticas.

O papel do G20 em promover uma abordagem global unificada para a ação climática nunca foi tão importante. Os desafios para mobilizar capital em EMDEs são significativos, mas não são insuperáveis. Ao enxergar os investimentos climáticos como oportunidades estratégicas e implementar reformas inovadoras para apoiar medidas como o financiamento misto, o capital necessário para impulsionar a transição verde pode ser desbloqueado.

O momento para uma ação ousada e coordenada é agora. O G20 deve se erguer à altura da situação, liderando pelo exemplo e garantindo que nenhuma nação fique para trás na luta contra as mudanças climáticas.

